



Jornalistas no cinema: imagens e representações¹

Fabíola Tarapanoff²



Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

Retratada de forma romântica já no século XIX, o jornalismo contém uma série de elementos que seduzem a câmera do cinema. Do repórter típico dos anos 1950, como Charles Tatum (Kirk Douglas) em *A montanha dos sete abutres* (EUA, 1951 - Direção: Billy Wilder) até os jornalistas que realizam uma grande investigação em busca da verdade, como Carl Bernstein (Dustin Hoffman) e Bob Woodward (Robert Redford) em *Todos os homens do presidente* (EUA, 1976 - Direção: Alan Pakula), o perfil foi se alterando. Hoje o jornalista tem sede em informar de forma rápida como a blogueira Della Frye (Rachel McAdams) em *Intrigas de Estado* (EUA/Inglaterra, 2009 - Direção: Kevin Macdonald). Pois o artigo tem este objetivo: mostrar a mudança na forma como o profissional de imprensa é retratado pela sétima arte.

PALAVRAS-CHAVE: 1.Jornalismo; 2.Cinema; 3.Representações;4. Estudos culturais; 5. Imagem.

TEXTO DO TRABALHO

1) A sétima arte e o jornalismo: Aproximações

1895, Paris. Em uma pequena sala escura, pessoas aguardam o espetáculo prometido. Mas não tinham ideia do que veriam. De repente um trem avança em sua direção e são tomadas pelo pânico, deixando a sala aos gritos. A mágica ocorrera naqueles instantes. O cinema nascia graças aos irmãos Auguste e Louis Lumière. A costura de fragmentos do real criava a ilusão de continuidade, deixando a todos apavorados. Não é à toa que pessoas correram apavoradas diante da exibição de um trem vindo em sua direção em uma das exibições. Ele era tão real que elas morreriam se não saíssem daquele local. Hoje pode parecer divertido, mas na época parecia real. Afinal uma imagem em movimento não poderia ser mera imagem. Mas era.

Antes dos irmãos Lumière, Eadweard Muybridge já havia feito diversas experiências com fotografia, buscando captar e reconstituir o movimento, como a corrida de um cavalo. No entanto, ele percebeu que nesse processo de constituição e

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema (DT4 - Comunicação Audiovisual) do “XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação”, evento componente do “XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação”.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Área de Concentração: Processos Comunicacionais – Linha de Pesquisa: Processos Comunicacionais Midiáticos da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). E-mail: fabiolapaes@uol.com.br.



reconstituição do movimento, nunca é possível recapturar o movimento por completo. Falta um instante. Um momento fugidivo. Entra-se assim na área da reapresentação, que procura preencher essas lacunas que faltam com uma sucessão rápida de imagens, que criam a aparente ilusão de movimento. Como explica Christian Metz, é por meio da projeção do movimento que o cinema apresenta seu laço mais próximo com o real, pois as pessoas na tela estão de fato “em movimento”:

Os objetos e personagens que o filme apresenta aparecem somente como efígie, mas o movimento que os anima não é uma efígie de movimento, ela aparece realmente. O movimento é “imaterial”, ele se oferece à vista, nunca ao tato, por isso não pode aceitar dois graus de realidade fenomenológica, a “verdadeira” e a cópia. É muitas vezes com referência implícita ao tato, árbitro supremo da “realidade” – o real é irresistivelmente confundido com o tangível – que experienciamos como reproduções as representações dos objetos (METZ, 1970, pp. 21-22).

O Cinema ofereceria ainda, segundo Edgar Morin, o que é invisível nas ciências humanas, os “caracteres subjetivos, afetivos do ser humano que vive suas paixões, seus amores, seus ódios, seus envolvimento, seus delírios, suas felicidades, suas infelicidades, com boa e má sorte, enganos, traições, imprevistos, destino, fatalidade...” (MORIN, 2006, p. 44). Afinal o filme coloca à mostra as relações do ser humano com o outro, com a sociedade e o mundo. Transportam-nos para dentro da História e dos continentes, de guerras e períodos de paz, revelando a universalidade da condição humana e a singularidade de cada indivíduo no tempo e no espaço.

Com sua mágica própria, o cinema é capaz de “criar imagens com existência autônoma” e as registra, mantendo-as intactas mesmo com a passagem do tempo. Como diz Epstein, o cinema tornou-se moderno ao unir espaço e tempo, a sua essência surgiu de sua capacidade de mudança e de movimento no espaço e no tempo:

O hoje é um ontem, talvez velho, que faz entrar na porta dos fundos um amanhã, talvez longínquo. O presente é uma convenção incômoda. Em meio ao tempo, é uma exceção ao tempo. Ele escapa ao cronômetro. Você olha para o seu relógio; o presente estritamente falando não está mais lá, e estritamente falando ele está lá novamente, ele sempre estará lá, de uma meia-noite à próxima. Penso, portanto existir. O eu futuro irrompe no eu passado; o presente é somente essa muda instantânea e incessante. O presente é somente um encontro. O cinema é a única arte que pode representar esse presente como ele é (EPSTEIN *apud* CHARNEY & SCHWARTZ, 2004, p. 326).

Já o jornalismo apresenta uma posição privilegiada em relação à questão de criação da imagem, pois o profissional deve não só apresentar sua visão de mundo pela escrita, como também sua própria imagem é cada vez mais requisitada.



Newspaper movies: conceitos

Seduzido pelo olhar da câmera, o jornalista busca no cinema subsídios para seu trabalho. Sem notar, deixa se seduzir e passa a ser retratado pela mesma arte que desejava desvendar. Segundo Stella Senra, na obra *O último jornalista: imagens de cinema*, já no século XIX o jornalismo era visto como uma profissão “envolvida em arrojo e perigo, à vontade nos recantos mais obscuros da cidade”, possuindo os elementos necessários para contar uma boa história e, portanto, atrativo para o Cinema, apresentando muitas semelhanças com a sétima arte, mais do que se poderia supor.

Além disso, a atividade profissional do jornalista é interessante na composição de uma boa história, peça-chave para o cinema: o jornalista em sua rotina de trabalho localiza problemas, investiga as suas causas, descobre fatos e deve apresentar soluções na forma de enunciados. Afinal, os personagens cinematográficos são construídos por meio de suas ações, como propõe Christa Berger: por meio de suas ações perspicazes e inteligentes é que irão acompanhar, interferir e solucionar questões presentes no filme. Grande parte dos chamados *newspaper movies* terminam assim: com a publicação da reportagem sendo impressa ou a manchete gloriosa exposta na banca de jornal. Ou seja, a própria ação do jornalista ao elucidar a trama conecta a atividade jornalística à história. História contada que é verdadeira, pois mereceu estar exposta em destaque no jornal.

Por isso que existem tantos filmes sobre jornalismo, segundo Berger: eles contam histórias que ocorreram e ao mesmo tempo mostra a forma como o jornalista foi elucidando o caso, transformando em notícia. Portanto esses filmes não deixam de ter um aspecto de “documentário dos bastidores”, mostrando como uma história é construída. E os Estados Unidos é o país que mais produziu filmes do gênero: 536 de 785 filmes identificados, número que só aumentou na última década, depois que o livro foi publicado, em 2002. Dirigido em 1909 por Van Dyke Brooke nos Estados Unidos, *The power of press (O poder da imprensa)*, foi o primeiro filme apresentando essa temática em todo mundo. Mesmo sendo mudo, o filme já ressaltava a imagem agora clássica do personagem como herói de aventura.

Apesar de terem sido feitos grandes filmes sobre jornalismo no Brasil e em outros países como Itália e França, o gênero se desenvolveu mais nos Estados Unidos devido a algumas peculiaridades. Com vocação para “herói”, o jornalista era uma variável interessante para os diretores que adoravam encantar o público com seus



cowboys e detetives. Esses três tipos de personagens apresentam características comuns: a marca é a atuação individual, entendida como ação de sujeitos em que as qualidades pessoais são ressaltadas. Todos têm um código que rege a conduta pessoal e senso de justiça e verdade apurados e noção de oportunidade que orienta as ações, determinando os desfechos. Como explica Berger:

Herói é a primeira definição para o tipo ideal criado com esmero para dar forma e sentido ao jornalista dentro do contexto também enaltecido do jornalismo, em suas diversificadas aparições (jornal, rádio e tevê) e no decorrer do tempo. Interessante observar que esta imagem de herói funciona tanto para o bem quanto para o mal. Perseguindo criminosos ou manipulando fatos, ele está ali, imprimindo sua marca – de investigador, de aventureiro, de destemido e solitário lutador – correndo riscos para realizar sua profissão/missão, como também estão na tela com a mesma inclinação, *cowboys* e policiais (BERGER, 2002, p.17).

A imagem do desbravador no faroeste equivale ao do investigador em filmes policiais, de gângster e *noir*, típicos das décadas de 1940 e 1950 até os policiais modernos. Os filmes *noir* e de gângster possuem algumas características em comum: o crime, a violência e o ambiente urbano. Se até a década de 1930, o cinema norte-americano produzia obras otimistas, com heróis cheios de vitalidade, esse clima vai sendo abandonado devido à Grande Depressão de 1929 e com os relatos de crimes de paixão, ocorridos em ruas escuras e violentas das metrópoles.

A aproximação entre jornalismo e cinema está presente também nesta interface: roteiristas, diretores e jornalistas são profissões intercambiáveis. A primeira pessoa a escrever filmes foi um jornalista: Roy McCardell, contratado em 1908, apenas um ano antes do primeiro filme sobre jornalistas. *Cidadão Kane*, um dos maiores clássicos do gênero, foi escrito por outro jornalista: Herman J. Mankiewicz, assim como *A montanha dos sete abutres*, dirigido por Billy Wilder em 1951.

No entanto, no livro *O último jornalista*, Stella Senra observa uma ambigüidade histórica na profissão: apesar de a produção de imagens ser fruto do exercício do jornalismo, o profissional de imprensa agora se vê no foco das atenções, em uma sociedade em que as imagens se multiplicam, em que o entretenimento torna-se mais importante do que a notícia em si.

Stella inclusive aponta a sugestão do crítico de cinema e televisão Serge Daney de aniquilar o jornalista real, substituindo-o por uma imagem. Pois com o surgimento do clone e apresentador de TV Max Headroom, Daney diz que ao invés de lamentar a “perda da realidade”, é preciso fazer uma verdadeira “faxina no mundo das imagens”,



eliminando até a figura humana das telas de televisão. Mas mais do que o simples “descarte de corpos”, o que propõe o crítico é a necessidade de rever uma realidade que têm perdido a vivacidade de suas cores frente à velocidade com que a imagem se move em um mundo sem fronteiras:

Já que os jornalistas são obrigados a se curvarem ao aparato técnico (*teleprompter*, câmeras) para se tornarem “imagens” dignas de nossa confiança (...) por que não passar a usar clones, robôs que dariam em seu lugar pelo menos as notícias mais simples, como a meteorologia ou as informações de trânsito? (SENRA, 1997, p.15).

Apesar de chocar em um primeiro momento, devemos lembrar que por muitos anos o principal telejornal da Rede Globo exibia Cid Moreira e Sérgio Chapelin apenas lendo as notícias, buscando expressão na entonação de voz e na face, mas sem interpretá-las. Mas mesmo insistindo em se mostrar apenas como imagens, ainda assim buscávamos nos agarrar ao que restava de humano: os cabelos brancos que surgiam em profusão e à voz que se modificava, atestando a passagem do tempo.

Para entender essa espetacularização do profissional de imprensa, Stella mostra a história da modernização dos jornais e como as novas tecnologias como a internet contribuem para dar forma ao novo jornalismo que se configura no século XXI. A autora mostra a forma romântica como era retratado o jornalista, citando Janio de Freitas, cronista do jornal *Folha de S.Paulo* que “menciona o jornalismo boêmio, sem disciplina, com jeito anárquico e muita liberdade, quando não havia imposição industrial de tempo e de espaço, mas havia mais prazer em exercer a profissão.”

Já nos anos 1960 e 1970, com o novo contexto político e social, os jornalistas assumiriam outro papel: o de defesa da liberdade de imprensa. Nos anos 1980, com as novas tecnologias, o jornalista perde essas referências e não sabe quais deve assumir em um mundo capitalista em que a notícia virou produto. Devido à essa perda de identidade, um jornalista para se destacar precisa construir uma imagem, tornando-se um *showman*. No mundo das aparências e de imagens incessantes é preciso se agarrar ao que ainda resta de humano no jornalismo.



Jornalistas no cinema: representações

Primeiro é preciso considerar que quando se fala em representação, utiliza-se a definição de Charles Sanders Peirce, considerado o fundador da Semiótica, ciência que estuda os signos, apresentado no livro *Imagem: cognição, semiótica e mídia*. Trata-se do processo de apresentação de um objeto a um intérprete de um signo ou a relação entre signo e o objeto:

Uma palavra representa algo para a concepção na mente do ouvinte, um retrato representa a pessoa para quem ele dirige a concepção de reconhecimento, um catavento representa a pessoa para quem ele dirige a concepção de reconhecimento, um catavento representa a direção do vento para a concepção daquele que entende, um advogado representa seu cliente para o juiz e júri que ele influencia (PEIRCE *apud* SANTAELLA, 1999, p. 17).

A análise de obras de arte como filmes, possibilita uma rica fonte de informações sobre representações presentes em nossa sociedade sobre temas e categorias profissionais, no caso dos *newspaper movies*. Raymond Williams comenta sobre a importância da análise de elementos sociais em obras de arte em *Cultura* e como eles são recebidos e interpretados pelo público:

Em sua maior complexidade, a análise dos elementos sociais em obras de arte estende-se até o estudo das relações sociais. Isso se dá especialmente com a ideia de “reflexo” – segundo a qual as obras de arte incorporam diretamente material social preexistente – é modificada ou substituída pela ideia de “mediação”. A mediação pode se referir primordialmente aos processos de composição necessários, em um determinado meio; como tal, indica as relações práticas entre formas sociais e artísticas. Em seus usos mais comuns, porém, refere-se a um modo indireto de relação entre a experiência e a sua composição (WILLIAMS, 2001, p.23).





Para compreender como mudou a forma como o profissional da imprensa é retratado pela sétima arte, esta autora procurou focar em três obras consideradas referência no gênero: *A montanha dos sete abutres* (*Ace in the hole/The big Carnival*, EUA, 1951) - Direção: Billy Wilder; *Todos os homens do presidente* (*All the president's men*, EUA, 1976) - Direção: Alan Pakula e *Intrigas de estado* (*State of play*, EUA/Inglaterra, 2009) - Direção: Kevin Macdonald. O intuito do presente artigo é mostrar as mudanças na forma como o profissional é representado, trazendo filmes de diferentes períodos históricos: um da década de 1950, outro da década de 1970 e um atual, de 2009, buscando compreender os motivos para a mudança na forma como o jornalista é retratado.

Este artigo trata-se do início da pesquisa realizada por esta autora e que está sendo utilizada na elaboração da tese de Doutorado em Comunicação – Área de Concentração: Processos Comunicacionais – Linha de Pesquisa: Processos Comunicacionais Midiáticos da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

Na pesquisa busca-se identificar as mudanças na forma como o profissional de imprensa é retratado pela sétima arte e como estudantes de Jornalismo acreditam como será sua carreira com base nas representações observadas. Depois serão feitas entrevistas com profissionais que atuam em veículos de comunicação para identificar as diferenças na forma como os estudantes percebem a profissão e como é na realidade.

Os procedimentos metodológicos utilizados serão: levantamento bibliográfico de livros sobre cinema, jornalismo e comunicação, de obras cinematográficas do gênero *newspaper movies*, análise da temática, linguagem e personagens presentes nessas obras e posteriormente estudos de recepção sobre as percepções de estudantes de Jornalismo e profissionais de imprensa sobre as representações presentes no universo analisado.

O filme *montanha dos sete abutres*, de Billy Wilder, é um dos mais emblemáticos do gênero e reafirma sua força com a passagem dos anos. Mostra a história de Charles Tatum (Kirk Douglas), que entra pela primeira vez na redação do jornal *Albuquerque Sun* e se oferece para trabalhar, pela quinta parte do salário que diz merecer. Questionado pelo proprietário do jornal, o Sr. Boot (Porter Hall), ele resolve contar a verdade: foi demitido em Nova York por um processo de difamação e em Detroit por beber no serviço. Enfim, é um homem talentoso que cometeu erros, mas deseja se redimir e ter uma segunda chance. Após um ano, Tatum continua no jornal e já tem mais *status* na publicação, conseguindo controlar seus impulsos em relação a

mulheres e bebida, mas está impaciente em relação ao trabalho. A chance no jornal do interior não era o que ele esperava.

A obra apresenta diversos e criativos títulos, tanto em inglês quanto em português. O nome em português se relaciona à montanha no qual há uma caverna e um cemitério indígena, em que Joe Minosa (Richard Benedict), proprietário de um pequeno posto de gasolina nas proximidades procura potes de barro para ganhar um dinheiro extra. No entanto, um dia Joe vai mais longe do que deveria e fica preso devido a um desmoronamento, não conseguindo sair sem ajuda externa. “Os sete abutres” do título fazem referência a uma maldição indígena presente no local considerado sagrado e como Joe ousou “profaná-lo”, terá um trágico fim.

Outros títulos propostos foram *Ace in the hole* (*Ás na manga*), pois Wilder considerava o último grande truque para Tatum voltar a ser um grande jornalista, em um grande jornal, longe do fim de mundo em que se encontrava no Novo México. Essa oportunidade para que Tatum volte a ser um grande jornalista surge quando enviado para fazer uma cobertura banal sobre a caça à cascavel na região, ele chega ao momento certo na Montanha dos Sete Abutres, quando Minosa acabou de perceber que está preso e solicita ajuda. Tatum vai procurar conduzir pessoalmente o resgate de Minosa e que a notícia renda ao máximo.

Até conseguir seu intuito, irá manipular seis personagens: Lorraine (Jan Sterling), a esposa de Minosa que só procura fama e fortuna; o xerife Kretzer (Ray Teal), que só pensa na sua reeleição; Smollett (Franq Jaquet), empreiteiro responsável pelo resgate; o jovem repórter Herbie (Harry Harvey), que procura checar sempre as condições de saúde de Leo e o público, simbolizado pelo homem comum Federber (Frank Cady), que é o primeiro a chegar ao local, atraído pela notícia, sendo o último a sair. Temos assim sete abutres em torno da cova de Minosa, confirmando a maldição indígena.

Há ainda o trocadilho típico de Wilder: *Ace in the hole*, que pode ser lido como “o cara no buraco”. Outro título em inglês é *The big Carnival* (*O grande carnaval*), uma referência ao grande parque de diversões construído ao redor da área da montanha durante os sete dias de resgate, um verdadeiro circo midiático, típico da sociedade do espetáculo, como apresentaria Guy Debord em sua obra homônima.

O filme é um marco, pois mostra a “notícia como entretenimento”, como nenhuma obra cinematográfica apresentara antes: lá estão presentes o interesse humano, a apologia do sofrimento, a estrutura seriada e a eventual interferência do repórter na

construção da notícia. O interesse humano é visível na seguinte fala de Tatum: “Um homem preso em uma mina é melhor do que 84. Você lê sobre 84 pessoas, ou sobre um milhão (...) e esquece. Mas um homem é diferente: você quer saber tudo sobre ele”.

No entanto, o tempo vai passando e Minosa não é resgatado e o pior ocorre: ele pega uma pneumonia e morre quando a broca estava a apenas três metros de distância dele. O circo some. Tatum fica mais arrasado do que esperava: não só perdeu uma grande história, mas se envolveu demais com sua própria reportagem. Arrependido por ter tido relações com a mulher do mineiro e por ter deixado mais uma boa oportunidade passar novamente, acaba o filme caindo de cara no chão na redação do *Albuquerque Sun*. Exausto e abatido pelo álcool e por seu impulso de autodestruição.

Enquanto *A montanha dos sete abutres* traz um retrato pessimista, mostrando o jornalista como alguém que só se importa em conseguir uma boa reportagem, não importando os meios, *Todos os homens do presidente* já apresenta de forma mais positiva a figura do repórter.

O filme apresenta uma reconstituição histórica da investigação que marcou um dos maiores escândalos da história dos Estados Unidos: o Caso Watergate, mostrando como dois repórteres, do setor local, do jornal *Washington Post*, conseguem desvendar os segredos presentes no governo do então presidente norte-americano Richard Nixon. A obra mostra não só o trabalho de Carl Bernstein (Dustin Hoffman) e de Bob Woodward (Robert Redford), mas também do papel de cada uma das fontes e de como os repórteres as convenceram a falar. Uma dessas fontes é o famoso “Garganta Profunda” (Hal Holbrook), cuja verdadeira identidade é mantida em completo sigilo. Realista, o filme foi rodado na própria redação do jornal, ideia do ator Robert Redford. Vencedor de quatro Oscar e criado a partir do livro escrito pelos dois repórteres, o filme é um clássico absoluto do gênero *newspaper movies*.





A obra apresenta uma série de reportagens de denúncia, em que sempre deve imperar a verdade. Trata-se de uma homenagem à prática da reportagem jornalística, em um tom mais positivo do que o filme de Wilder. Afinal, aqui os jornalistas têm uma postura mais heróica, não deixando se abater pelas dificuldades como o personagem de Kirk Douglas. Bernstein e Woodward trabalham com método. Para os dois profissionais, mais importante do que o estilo do texto ou do repórter é apresentar informações verídicas, devidamente checadas. As informações são soberanas. Não há meias palavras ou invenções. Por mostrar a tão sonhada objetividade jornalística esse filme tornou-se um paradigma, sendo sempre citado como referência nos cursos de Jornalismo de como fazer uma boa reportagem.

Por fim, a obra *Intrigas de Estado* apresenta uma interessante oposição, entre o repórter Cal McAffrey (Russell Crowe) e a novata Della Frye (Rachel McAdams). Ele é o protótipo do jornalista investigativo, paciente, preocupado com a apuração. Sabe que a informação deve ser checada diversas vezes. Já a garota é dona de um blog. Para ela, o que vale é a velocidade, a notícia em cima da hora. Tentando conciliar esses dois mundos está a diretora de redação do jornal, Cameron Lyne (Helen Mirren). Veterana, ela conhece o valor de uma reportagem bem apurada e a importância da credibilidade de um veículo de comunicação. No entanto, gosta de ter uma pessoa que pode escrever diversas notícias em pouco tempo e ainda recebe menos por isso.

É interessante ainda notar a reportagem “Confronto entre o velho e o novo”, escrita pelo jornalista Luiz Zanin Oricchio e publicada no Caderno 2, suplemento cultural do jornal *O Estado de S.Paulo*, no dia 21 de maio de 2009. A crítica apresenta a diferença entre os dois estilos: do jornalismo investigativo, dos “velhos tempos”, com reportagens bem apuradas, em oposição ao jornalismo instantâneo, em que vale quem apresenta a informação de forma mais rápida, mesmo trazendo inverdades ao leitor:

Do relacionamento entre a blogueira e o jornalista resulta mais a cooperação do que a rivalidade. Afinal, a reportagem é assinada por ambos, embora seja ele quem a escreve e ela quem a envia. Ainda sobra uma vantagem para o velho jornalismo sobre os novos meios – são da velha escola os métodos de apuração que acabam por prevalecer. E a última sequência do filme, realizada com tanto capricho, mostra a simpatia *old school* do cineasta ao fazer com que a câmera acompanhe carinhosamente o processo industrial da impressão em suas etapas, das bobinas ao produto final. O velho jornal de papel pode embrulhar peixe no dia seguinte. Contudo, enquanto está fresquinho nas bancas ainda é imbatível. Pode até desaparecer um dia como suporte físico, mas deve permanecer como filosofia de trabalho (ORICCHIO, 2009, p. D7).



Conclusões

O que podemos concluir das representações do profissional de imprensa apresentadas nas obras acima? É interessante relembrar o conceito de modelo mental proposto pelo filósofo David Hume. Ele vê nas ideias e nas cognições imagens mentais cuja origem se encontra na percepção prévia pelos sentidos:

Para a compreensão do que quero significar pelo poder cognitivo, devemos reconhecer que há continuamente em nossas mentes certas imagens ou concepções de coisas lá fora (...) Essas imagens e representações das qualidades das coisas lá fora, é o que chamamos de concepção, imaginação, ideias, apreensão ou conhecimento delas (HUME *apud* SANTAELLA, 1999, pp. 28-29).

No cinema uma representação recorrente do jornalista é a do homem que desafia o sistema, presente tanto em *A montanha dos sete abutres* quanto em *Todos os homens do presidente*. No entanto, na primeira obra o jornalista é alguém que utiliza de todos os meios para conseguir destaque em sua carreira. Enfim, trata-se de um personagem determinado a ser um bom jornalista, mas que de uma forma maquiavélica utiliza de todos os meios, passando por cima de tudo e de todos para ter sucesso. É um personagem sem moral e cujos fracassos sucessivos conduzem à sua degradação. Assim como apresentado comumente no cinema, o repórter interpretado por Douglas é boêmio e acaba utilizando o álcool como sua válvula de escape para o stress que enfrenta no cotidiano.

Já em *Todos os homens do presidente*, os dois profissionais querem dar um “furo de reportagem”, mas são cuidadosos em relação à apuração e apresentam uma retidão moral que não se observa no personagem de Douglas. Seu compromisso é com o



público e a informação. E em nome dos dois, procuram ultrapassar todos os obstáculos para conseguir a verdade, trazendo ao público o escândalo político do alto escalão.

Em *Intrigas de Estado* também está presente o repórter investigativo da “Velha Guarda” na figura de Crowe, mas traz uma representação nova, típica da contemporaneidade: a da blogueira, que como toda boa jornalista, é curiosa e adora se informar, mas devido à pressa em furar os concorrentes presentes na internet, muitas vezes comete erros, não checando todas as informações.

Mas apesar de suas diferenças, os três filmes apresentam representações comuns: os jornalistas são pessoas apaixonadas pelo que fazem, deixando vida pessoal de lado por uma boa reportagem. Apresentam um profundo senso de justiça e seu compromisso é trazer a verdade para o público. São pessoas que desafiam o sistema e que não têm medo.

No entanto, como aponta Stella Senra em *O último jornalista*, em um mundo com cada vez mais tecnologia, esse jornalista precisa redefinir sua identidade e, como um “marginal às avessas, o repórter acaba tendo que defender, ao mesmo tempo, do mundo de dentro e do de fora: no exterior, os marginais o perseguem para “descartar” o seu corpo: no interior, o desenvolvimento tecnológico é seu inimigo e propõe literalmente a sua eliminação, para substituí-lo pela sua mais recente invenção – o clone” (SENRA, 1997, p. 199).

Para o jornalista recuperar sua identidade, tanto na vida real como na sétima arte, não deve se deixar ser “engolido” pela nova tecnologia, mas sim saber utilizá-la. Como o Dr. Frankenstein, personagem do livro homônimo de Mary Shelley, deve recordar que o criador conduz a criatura e não ao contrário.



REFERÊNCIAS

Artigo acadêmico:

BUITONI, D. H. S. “O registro imagético do mundo: jornalismo, embrião narrativo e imagem complexa.” “XIX Encontro da Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação)”. PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, junho de 2010.

Crítica em jornal:

ORICCHIO, L. Z. “Confronto entre o velho e o novo.” In: **Caderno 2**, suplemento cultural do jornal **O Estado de S. Paulo**, p. D6, domingo 21 de maio de 2009.

Filmes:

Intrigas de Estado (State of play, EUA/Inglaterra, 2009) - Direção: Kevin Macdonald.

A montanha dos sete abutres (The big Carnival ou Ace in the hole, EUA, 1951) - Direção: Billy Wilder.

Todos os homens do presidente (All the president’s men, EUA, 1976) - Direção: Alan Pakula.

Livros:

BERGER, C. **Jornalismo no cinema**: filmografia e comentários. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARNEY, L. & SCHWARTZ, V. **O cinema e a invenção da vida moderna**. Tradução: Regina Thompson. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Ed. Cosac & Naify, 2004.

METZ, C. **A significação no cinema**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução: Eloá Jacobina. 12ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2006.

SANTAELLA, Lucia & NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1999.

SENRA, S. **O último jornalista**: imagens de cinema. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 1997.

Vários autores. **501 filmes que merecem ser vistos**. Tradução: Rita de Cássia Gondim. São Paulo: Ed. Larousse do Brasil, 2009.

WILLIAMS, R. **Cultura**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 4ª reimpressão. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2001. 2ª edição.

XAVIER, I. **O discurso cinematográfico**: a opacidade e a transparência. 3ª edição. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2005.

Revista:

Bravo! - 100 filmes essenciais (2ª edição) - São Paulo: Ed. Abril, 1998.



Créditos das imagens:

A Montanha dos Sete Abutres

Endereço eletrônico: Enciclopédia -

http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.encyclopedia.com.pt/images/a%2520montanha.jpg&imgrefurl=http://www.encyclopedia.com.pt/new/articles.php%3Farticle_id%3D1384&usq=...izO4knsdbgeYDrBRliPP0hANY8U=&h=300&w=308&sz=22&hl=pt-BR&start=0&zoom=1&tbnid=VGbVnsxz84C_CM:&tbnh=115&tbnw=127&ei=EKgkTq6sF8Py0gGa_7nLAW&prev=/search%3Fq%3DMontanha%2Bdos%2BSete%2BAbutres%26um%3D1%26hl%3Dpt-BR%26sa%3DN%26rlz%3D1R2RNRN_pt-BRBR434%26biw%3D1280%26bih%3D517%26tbm%3Disch&um=1&itbs=1&iact=rc&dur=194&page=1&ndsp=25&ved=1t:429,r:8,s:0&tx=48&ty=50

Acesso em: 15/7/2011.

Todos os Homens do Presidente

Endereço eletrônico: Adoro Cinema - <http://www.adorocinema.com/filmes/todos-os-homens-do-presidente>

Acesso em: 15/7/2011.

Intrigas de Estado

Endereço eletrônico: IMDB – Internet Movie Data Base - <http://www.imdb.pt/title/tt0473705>

Acesso em: 14/7/2011.